



XII ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA/ Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

A CAMPESINIDADE EM TAPERUABA

Autor (es): Penha Magalhães Ribeiro¹; Aldiva Sales Diniz²

¹ Estudante do Mestrado Acadêmico em Geografia MAG – UVA. penha.magal@bol.com.br

² Pesquisadora e Professora Orientadora, Curso de Geografia – MAG – UVA. aldivadiniz@gmail.com

Resumo: Nosso trabalho tem como objetivo o estudo sobre a Campesinidade no distrito de Taparuaba, onde procuramos analisar a relação campo cidade e observar a resistência camponesa, tanto nas atividades agropecuárias, como nas relações sociais, procuramos entender como se dá o esse processo dentro da área urbana, onde muitos camponeses residem ou trabalham, mas que mantem em suas praticas cotidianas o modo de vida e uma moral camponesa.

Palavras-Chave: Campesinidade e Resistência

INTRODUÇÃO

Dentro dos desafios apresentados pela Geografia agrária, podemos destacar a presença marcante dos latifúndios e em contraponto a eles a luta pela reforma agrária, luta essa que tem unido os trabalhadores do campo, na formação de uma classe social denominada classe camponesa. Essa classe tem buscado resistir à expropriação dos meios de produção e do excedente produzido assim como da exploração de sua mão de obra, se organizando em movimentos sociais como o MST – Movimento Sem Terra. Na atualidade, muitos agricultores, encontram-se vivendo em assentamentos rurais da reforma agrária como afirma Diniz (2009), no entanto muitos outros têm migrado para cidade geralmente se instalando nas periferias.

Diante dessa realidade podemos observar que mesmo fora do campo muitos camponeses buscam manter sua campesinidade resistindo através de sua cultura, a exclusão social e econômica a qual tem sido exposto nas cidades.

Nosso estudo procura compreender a campesinidade no Distrito de Taparuaba, uma área urbana do município de Sobral, que conta com varias microempresas que fabricam confecção

infantil, comercializando seus produtos em todo Estado do Ceará e Estados vizinhos Piauí, Maranhão e outros mais distantes como: Rio de Janeiro, Pará e Manaus. Porém muitos trabalhadores conciliam essa atividade com o trabalho na roça, a criação de gado, a produção de leite e seus derivados, como nos relatou a representante do sindicato dos trabalhadores rurais. Ao conversar com os trabalhadores que mantêm essa atividade os mesmos são enfáticos em revelar as muitas dificuldades em manter essa prática, porém demonstram grande apreço por sua cultura, dizem gostar desse trabalho e o fazem por prazer, o que podemos observar também é como a produção desses alimentos é importante na cultura local, e que boa parte da população ainda dá preferência aos produtos in natura aos industrializados presentes no comércio.

Nosso trabalho também buscou compreender como a maneira de viver desse grupo de trabalhadores constitui uma moral camponesa, pautada na persistência das atividades produtivas: agrícola e pecuária dentro da área urbana e através de uma cultura da solidariedade em seu cotidiano e das relações sociais familiares e de trabalho, assim como se encontra presente em pesquisas em pequenas propriedades de camponeses, como destaca Woortmann (1990) no estudo da moral camponesa, ela analisa percebendo uma forte relação entre as categorias: família, trabalho e terra, em nosso trabalho buscamos entender como se dão essas relações quando o camponês sai do campo e vai para os núcleos urbanos, que forma marcam sua presença, transformam os espaços e constroem um território camponês dentro de áreas denominadas urbanas.

METODOLOGIA

Ao fazermos um estudo sobre a campesinidade na periferia, não podemos deixar de pensar nas contradições políticas, econômicas e sociais desse tema, principalmente em se tratando do agricultor que vive na periferia, lutando para produzir seu sustento e reproduzir sua forma de viver, e por isso, tem resistido através de sua cultura, da sua relação com o trabalho e a família.

Dessa forma buscamos através do método do materialismo histórico dialético fazer uma análise dos conflitos entre classes, tendo de um lado o camponês que resiste e de outro o dono dos meios de produção, que é ator principal para que o capital tente estender seus tentáculos a todos os espaços, impondo uma cultura individualista de produção e consumo.

Para realização deste trabalho utilizamos fontes orais, escritas e observação de campo, buscamos nos apropriar dos conceitos e do referencial teórico através da pesquisa bibliográfica em teses, dissertações, artigos e livros que tem discutido a relação campo cidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO OU PROBLEMATIZAÇÃO

Buscamos em nossa pesquisa problematizar a relação campo cidade, procurando perceber como o camponês tem resistido na área urbana, já que se o homem do campo migra para

as áreas urbanas em busca da sobrevivência para si e sua família, ou é engolido por ela, como observa Bagli (2006) o urbano se expande, as cidades têm suas periferias ampliadas, trazendo para si espaços rurais e junto com esses as pessoas tanto aquelas que migraram para cidade como aquelas que foram sendo ‘engolidas’ pelos processos de urbanização. Nesse sentido, buscamos perceber como as pessoas tecem sua sobrevivência no cotidiano, como recriam sua maneira de ser e viver, e (re) produzem as relações do campo, no território urbano.

Dentro dessa dinâmica buscamos problematizar a produção do espaço que se ordena pelas relações de trabalho, família, vizinhança, desenvolvendo assim uma cultura camponesa, que mesmo expropriada dos meios de produção busca alternativas de sobrevivência material e imaterial como ressalta Diniz.

Assim, compreendemos que os camponeses constituem uma classe que se constrói no fazer-se da luta não só pelo acesso a terra, mas pela defesa de seus valores, de sua formação social e cultural, em oposição a outros valores, ideais e modo de vida, e dimensionam suas práticas em defesa de seus costumes. (DINIZ, 2009, p.28)

Podemos observar que essas vivências construídas historicamente no campo, são trazidas para cidade, a relação familiar, os vínculos de confiança e solidariedade na produção camponesa, todos esses elementos se apresentam no cotidiano das pessoas. Percebemos que no período da colheita os membros da família se reúnem nas calçadas pra debulhar feijão e milho, os vizinhos doam garrafas para estocar os viveres, aqueles parentes e amigos que não plantam são presenteados com feijão verde, jerimum, maxixe, e outros produtos da agricultura camponesa, a fartura se reverte a todos, não se observa no camponês a necessidade de acumular os produtos excedentes para comercializa-los, geralmente a produção se dirige ao sustento da família, como discute Woortmann (1990) a cerca da moral camponesa. Nesse sentido a moral camponesa se apresenta como resistente a logica capitalista da individualidade e do lucro.

Formando um território de resistência camponesa, em espaços ditos urbanos, expresso na relação familiar que leva em conta não só a família nuclear, mas também a família extensiva, com aglutinação de residências de parentes em uma mesma rua ou terreno, ou através de atividades onde a família trabalha junta, ou trocando dias de serviço, ou ainda quando chama apenas conhecidos para dar um dia de serviço, afirmando a relação de confiança, essa relação também pode ser observada no comércio local onde o crédito se relaciona inicialmente com a credibilidade familiar, geralmente nos cadernos onde é anotado o nome não só do devedor, mas do seu ascendente ou conjugue, como se o mesmo fosse avalista. A alimentação regional, também contribui com a permanência dessa cultura, e com o fortalecimento do território, observamos que a maior parte do que é produzido na agropecuária familiar é consumido na localidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma entendemos que esse estudo apresenta elementos para compreendermos a

sociedade urbana “hegemônica” não tão hegemônica, e que persistem espaços de resistência, como observa MAIA (1999) à realidade em sua complexidade não se mostra homogênea, e o espetáculo da cidade vai-se compor não só pelo progresso, mas também por seu reverso. E o campo, longe de ter desaparecido, permanece nas dissimulações dos seus limites. Isso nos faz compreender que o campo e a cidade não são espaços regidos por uma dicotomia absoluta, mas um lócus de contradições e lutas.

AGRADECIMENTOS

A universidade Estadual Vale do Acaraú UVA;

Ao Mestrado Acadêmico em Geografia MAG;

Aos professores e colegas do MAG;

A minha Orientadora Aldiva Sales Diniz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGLI, Priscila. Rural e Urbano: harmonia e conflito In: SPOSITO, Maria da Encarnação B.; WHITACKER, Arthur M. (orgs). Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

DINIZ, Aldiva Sales. TRILHANDO CAMINHOS: A resistência dos camponeses no Ceará em busca de sua libertação. São Paulo, 2009.

_____. Contribuições teóricas para compreensão do campesinato. Revista da Csa da Geografia de Sobral, Sobral/CE, n. 12, p. 35-46, 2010. Disponível: http://www.uvanet.br/rcg/vol_12/contribuicoes_teoricas.pdf Acesso em: jul. 2017

MAIA, Doralice Satyro. Hábitos rurais em vidas urbanas IN: DAMIANI, Amélia Luiza; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odete Carvalho de Lima. O Espaço no fim do século: a nova ruralidade. São Paulo: Contexto, 1999.

WOORTMAN, Klaas. “Com Parente Não se Neguceia” O Campesinato Como Ordem Moral. IN: Anuário Antropológico. Nº 87. Brasília: Edunb/Tempo Brasileiro, 1990.

As Leis de Terra. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L0601-1850.htm